

TÂNIA MARQUES

SERÁ QUE AQUI SÓ SE FALA DE AMOR?

Ficha Técnica

Edição: Tânia Marques

Título: Será que aqui só se fala de amor?

Autora: Tânia Marques

Capa: Sítio do Livro, Lda.

Imagem da capa:

1.ª Edição

Lisboa, 2010

Impressão e Acabamentos: Agapex

ISBN: 978-989-96994-0-3

Depósito Legal: 318103/10

© Tânia Marques

Publicação e Comercialização:

Sítio do Livro, Lda

Lg. Machado de Assis, lote 2, Porta C

1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt

1

O destino é assim!!!

– Não há coincidências! – Dissera ela após lhe ter contado o que acontecera. Magda era uma pessoa “especial”; aspirava um dia ser como a Maya, o Paulo Cardoso, ou até mesmo o Miguel de Sousa. Considerava que tinha poderes especiais, mágicos. Pensava que tudo tinha uma explicação, que era o destino que nos proporcionava este tipo de situações (referia-se ao meu encontro com o Miguel). Queria, no futuro, estudar Psicologia, para que esses novos conhecimentos viessem complementar os seus “dons”, como dizia. Era o tipo de pessoa que se trancava no seu quarto, num dia de sol, para ficar a conversar com as suas cartas do *Tarot*, com a sua coleção de pequeninas pedras de todos os tamanhos e feitios (como Ágatas, Dentes-de-leão, Ametistas...). Magda fazia questão de esconder de toda a gente esta sua perdição pelas artes da adivinhação. Escondia todas as coisas que possuía relativamente a esta tara numa caixa grande, forrada com papel de embrulho com sóis e luas (para dar sorte, segundo ela), debaixo da sua cama. Só eu – a sua melhor amiga – sabia, mais ninguém!

A mim, ela contava tudo, não tinha segredos; assim como eu também não os tinha para ela. Foi por isso que hoje lhe contei que tinha encontrado o Miguel, por coincidência, à saída daquela loja de roupa onde costumo entrar dezenas de vezes por dia.

– Foi o destino! – Afirmava ela. – Vocês não admitem, mas amam-se! São as leis do amor, ninguém pode contrariá-las, nem mesmo tu e o Miguel! Se ao menos me deixasses ler-te as cartas...

– Nem penses! Não acredito nessas coisas! – Apressei-me a afirmar. – Prefiro pensar que aquele encontro foi uma simples coincidência. E, para tua informação eu gosto do Miguel, mas ele...

– Ó Helena, deixa-te de tretas! Não queres que eu te leia as cartas, tudo bem. Agora, dizeres-me que o Miguel não gosta de ti... É surreal! Ele pode tentar escondê-lo de toda a gente, mas de mim não esconde de certeza!

– Ai! Já chega das tuas parvoíces... Preciso de relaxar. Que tal uma corridinha à beira-mar? – Sugeri na esperança de me livrar daquela chatice de conversa.

Magda ficou pensativa por breves instantes, como se estivesse a fazer cálculo mental, porém acabou por responder.

– Se precisas de relaxar, nada como uma sessão de ioga. Vá, vá, mexe-te, temos meia hora para chegar ao ginásio. Sabes bem que o Mister *YøYø* não gosta de atrasos.

– Mister *YøYø*?!

– Se não tivesses faltado à última aula, saberias que o Pedro decidiu que a partir desse dia, nós deveríamos passar a chamá-lo assim, nas aulas.

– Um bocado piroso, não?! – Deixei escapar.

– Não acho, mas também não interessa. Despacha-te.

– Mas por que é que eu acabo sempre por concordar com as tuas tretas? – Murmurei enquanto a Magda já se afastava.

2

Novos conhecimentos

Era Domingo. O dia estava sereno, o céu azul, o sol brando a pique. Estava mesmo a apetecer-me ir a uma esplanada à beira-mar bebericar um batido, enquanto ouvia o som das ondas a rebentar na areia. Apetecia-me descansar, pensar na vida (como se nos últimos tempos tivesse pensado noutra coisa), pensar no meu futuro, pensar no Miguel... Apetecia-me sobretudo estar sozinha. Precisava de me afastar.

Cheguei à esplanada do *Mar Dourado* às 10 horas. Era um bar simpático, já antigo, com as paredes caiadas de branco, um ambiente familiar; enfim, totalmente diferente dos outros cafés ali da zona. Esses eram modernos, cheios de cor, cheios de vida, super animados, estavam sempre cheios de gente simpática e divertida, isto é, o ideal de bar para uma pessoa como eu: triste e deprimida; um sítio fantástico que me ajudaria a arrebitar. Em vez disso, apetecia-me pensar. Estava triste, todavia não sabia porquê, e isso era o que me irritava ainda mais.

Arredei a cadeira e sentei-me de frente para o mar que hoje estava calmo e mais azul do que alguma vez o vira. As poucas ondas que fazia, rebentavam de mansinho na areia deixando uma orla de espuma.

Pedi ao empregado um batido de morango, e poucos minutos depois, já estava eu a bebê-lo, senti alguém a tapar-me os olhos com as palmas das mãos enquanto perguntava:

– Adivinha quem é!

A voz não me era familiar, e pelos vistos, o autor deste episódio caricato devia ter pensado que eu também lho não era, pois logo a seguir, pareceu arrepender-se. Recuou, retirou as mãos e pediu desculpas atabalhoadamente.

Dei de caras com um rapaz alto e esguio, que aparentava ter mais ou menos a minha idade; tinha os olhos de um verde tão clarinho, que faziam lembrar as límpidas águas esverdeadas do mar das Caraíbas. Tinha o cabelo escuro cortado rente, e o rosto simpático, apesar do semblante surpreendido e algo assustado.

– Desculpa. Não queria incomodar-te, mas ao longe pareceu-me outra pessoa... Desculpa. – Apressou-se a repetir.

– Não tem importância. Estas coisas acontecem...

– Não é bem assim. Comigo acontecem com demasiada frequência. Eu já era distraído, então desde que a Soraia acabou tudo comigo... – Fez uma pausa. Parecia transtornado. – Qualquer rapariga que veja, acabo sempre por confundi-la com ela...

– Acredita, não faz mal. Olha, e para que não voltes a confundir-me com ela... Eu sou a Helena.

– Prazer... Eu sou o Tomás. – Estendeu-me a mão enquanto sorria. Tinha um sorriso bastante agradável. Talvez tão agradável que me levou a convidá-lo a sentar-se.

– Não queres sentar-te e fazeres-me companhia? Este batido de morango está delicioso...

– Morango?! É o fruto preferido da Soraia...

– Desculpa. Não sabia, mas podes experimentar um de banana e ananás que também é fantástico.

Já tinha metido a pata na poça! O Tomás estava atrapalhadíssimo, e eu, em vez de ajudá-lo, só estava a piorar a situação. Estava já a amaldiçoar a hora em que lhe tinha pedido que se sentasse, quando o empregado pousou o batido em cima da mesa.

Entretanto, o Tomás pareceu esquecer por instantes o ódio pela ex, e contou-me o que se tinha passado entre eles. Não sei por que razão confiou numa desconhecida para desabafar sobre as suas mágoas, contudo acho que estava demasiado desesperado para escolher os seus ouvintes...

Depois, para aligeirar, começámos a falar sobre cada um de nós, e sobre o que gostávamos de fazer.

– Fazes *surf*? Parece-me fantástico. Sempre gostei de desportos náuticos – *bodyboard*, *windsurf*, motas de água – mas nunca pratiquei nada do género. A única coisa que eu pratico é ioga, num ginásio aqui perto. Tenho uma amiga que adora esse tipo de coisas, e então, convenceu-me para que me inscrevesse com ela.

Ele parecia ouvir-me com toda a atenção, ainda assim, arriscava-me a dizer que ele estaria a pensar em tudo, menos no facto de eu praticar ioga por influência da Magda. No entanto, continuou a conversa, precisamente no ponto em que eu a deixara.

– Ouvi dizer que o ioga é bastante relaxante... Se me permites, parece que tem tudo a ver contigo.

– Por que é que dizes isso?

– Aparentemente és uma pessoa calma. Quando te encontrei parecias absorta, a olhar o vazio. Pergunto-me se não serão os teus conhecimentos ao nível do ioga a funcionar...

– Não... Se queres saber, não levo o ioga muito a sério. Vim para aqui porque precisava de reflectir. A minha vida está um caos...

– Ao dizer aquilo, lembrei-me do Miguel. Quase me esquecia da verdadeira razão que me levava ali.

– Um caos?! Ninguém diria, com essa calma toda...

– É a minha maneira de lidar com este tipo de situações. Quando estou triste não grito, nem parto a loiça, como a maioria das pessoas. Prefiro sofrer pela calada, mostrar que está tudo bem. Sei que não é saudável reprimirmos as emoções, mas não consigo evitar. Faz parte da minha personalidade.

– Mas há alguma razão específica para estares assim?

Tinha acabado de conhecer o Tomás, mas ele parecia tão sincero. Também, se não desabafasse com ninguém, provavelmente iria explodir, portanto decidi contar-lhe a minha história com o Miguel.

– ... E gosto dele há bastante tempo, ele sabe disso, mas as coisas não são assim tão lineares. Há quem diga que ele me “curte”, há quem diga que não; ele muda da noite para o dia. Neste momento, por exemplo, não sei o que ele sente por mim... E nem sei se estou preparada para saber...

O Tomás escutou o meu relato desde o início até agora, sem fazer comentários. Quando acabei, decidi intervir.

– Não achas que estás a ser um pouco dura? Em primeiro lugar, devias falar directamente com ele e não dares ouvidos aos outros. De tudo o que me contaste, achei a vossa amizade interessante; mesmo sem vos conhecer pareceu-me que era a típica amizade entre duas pessoas que se sentem atraídas, mas como têm medo de

confessar, refugiam-se em brincadeiras para se aproximarem um do outro...

O Tomás estava a ser um querido. Convidei-o num acesso de boa samaritana, e quem acabou por sair aconselhada fui eu.

– Isso que dizes até pode ser verdade mas, não sei, sinto-me tão confusa. Odeio quando tento perceber algo e não consigo. É como se fosse um *пузырь* ao qual faltam peças...

– Também não precisas de entender tudo o que vês. Dá tempo ao tempo, confia em ti e deixa as coisas acontecerem...

– Se calhar tens razão, mas eu não devia estar a preocupar-te com os meus problemas. Já tens os teus...

– Mas os meus não têm solução.

Não conseguia acreditar que aquela pessoa que tinha ali, à minha frente, que me tinha dado todos aqueles conselhos, estava assim: desanimada e resignada.

– Não há impossíveis! - Disse-lhe. – Se estás a referir-te à Soraia, pelo que me disseste, o melhor é esquecer. Mereces mais e muito melhor.

– Obrigado. – Disse a sorrir, e com um brilho nos olhos semelhante a uma luz ao fundo de um túnel.

– Não tens que agradecer. Normalmente não costumo falar com estranhos, muito menos fazer-lhes confidências sobre a minha vida privada, mas, há qualquer coisa em ti que me faz acreditar e confiar em ti, mesmo sem te conhecer.

– Realmente, isto era o tipo de coisa que não esperava que me acontecesse. Aquelas coisas que só acontecem nos filmes, nas novelas, nos livros...

Limitei-me a sorrir. O Tomás caiu de pára-quedas na minha vida e se não fossem as cantigas da Magda, diria que a vida é feita de coincidências.

Entretanto, o Tomás olhou para o relógio e ao ver as horas, quase saltou da cadeira. Já era tardíssimo e ele tinha um almoço de família (disse isto como se de um sacrifício se tratasse!). Deixou dinheiro em cima da mesa para pagar a conta, pediu-me desculpa mais uma vez, agradeceu a companhia, e escreveu a morada e o número de telemóvel num guardanapo. Pediu-me para lhe ligar, caso precisasse de alguma coisa, e atirou-me um beijo enquanto corria pela marginal fora.

Fiquei a vê-lo correr. Era elegante, ágil. Analisei também o que escrevera. Tinha uma letra fina, algo descuidada, própria de um rapaz da idade dele. Subitamente, lembrei-me da Magda – ela tem o hábito de analisar a caligrafia das pessoas e traçar logo o seu perfil. Talvez lho mostrasse, um dia...

3

As cenas da Magda

Esse dia chegou mais cedo do que eu esperava. Quando entrei em casa, a arfar por causa do terrível calor que se fazia sentir, a minha mãe avisou-me que a Magda estava, há horas, à minha espera. Fui encontrá-la sentada na minha cama, completamente absorta, a ler o horóscopo de uma revista que eu havia comprado no dia anterior. Parecia concentrada na leitura e nem deu pela minha chegada.

Fiquei a observá-la por instantes. Podia dizer-se que era bastante bonita: olhos pretos, escuros como o breu, mas com um brilho muito particular; cabelos castanho-claros com madeixas alouradas. Costumava usar um travessão, sempre da mesma cor da roupa, para dominar a franja algo rebelde, o que lhe dava um ar intelectual. Nesse dia vestia uma blusa cor-de-laranja (a sua cor preferida) e uma saia curta de ganga. Era um pouco roliça mas, apesar disso, muito atraente.

Foi durante esta minha radiografia instantânea que ela notou a minha presença.

– Oi, Helena! Estás aí há muito tempo?

– Não. Cheguei agora mesmo. Estavas a ler?

– Mais ou menos. Este astrólogo não é lá grande coisa...

Estava só a matar o tempo enquanto não chegavas. Posso perguntar onde estiveste?

– Perguntar podes, eu é que posso não querer responder...

– Bem, tu é que sabes.

– Embora não tenhas nada a ver com isso, posso dizer-te que estive numa esplanada a olhar para o mar. Está um bom dia de praia não achas?

Magda devia ter notado algum entusiasmo da minha parte, ou então foi apenas intuição, pois a seguir perguntou:

– Acho que está um óptimo dia de praia, mas também acho que não me contaste tudo sobre a tua saída. Estiveste sozinha ou acompanhada?

– Ah! Sabes, conheci uma pessoa...

Acabei por lhe contar tudo sobre o Tomás e sobre a nossa conversa. Ela achou o máximo e, como não podia deixar de ser, veio com a conversa das ironias do destino, blá, blá, blá... Começo a achar que ela engoliu alguma cassete! Nos últimos tempos, não tem falado de outra coisa... Qualquer dia, até o simples acto de ir comprar pão pela manhã, aos olhos dela, será obra e graça do destino.

Convenci-a a vir comigo à praia, e pelo caminho, contei-lhe todos os pormenores de que ela fez questão de se inteirar. Já era tarde mas, no Verão, os dias são grandes, e o de hoje, parecia nunca mais acabar... Quando lhe contei que o Tomás me tinha deixado o número de telemóvel e a morada, ficou em transe.

– Mas que máximo! Essa história parece tirada de um filme... Mas daqueles com direito a Óscar e tudo... – Disse toda divertida. – Só falta terem-se apaixonado...

– Vai com calma! Nem penses, Magda. Eu conheci-o hoje, ele é um tipo fixe, é giro – sim – mas ponto final. É só isso. Nem sei se me posso considerar sua amiga, quanto mais...